

	OS LUSÍADAS	MENSAGEM
O HERÓI Fundo histórico	Herói épico O “ <i>peito ilustre lusitano</i> ”, anunciado na Proposição, concretiza-se, no plano da Viagem, na figura de Vasco da Gama e, no plano da História de Portugal, nos reis e heróis construtores do reino e do império. É um herói épico, coletivo, representativo dos portugueses (os Lusíadas).	Herói mítico Os heróis, embora representados maioritariamente por figuras históricas, funcionam como símbolos, como mitos que configuram a essência de Portugal.
Objetivo	O herói épico realiza um trajeto de valor e heroísmo, ultrapassa o medo, supera-se a si mesmo e imortaliza-se, através da realização do seu objetivo: a edificação do reino e do império, na luta contra os infiéis. Ultrapassando todos os obstáculos, os nautas ultrapassaram-se a si mesmos, ultrapassaram a sua condição de “ <i>bichos da Terra tão pequenos</i> ”, concretizando o lema renascentista da crença nas capacidades do homem.	O herói mítico de <i>Mensagem</i> é movido pelo sonho, pela loucura, pela “ <i>febre de Além</i> ”, procura utópica do impossível, do infinito, do longe, da distância, do absoluto.
Ação	A ação central de <i>Os Lusíadas</i> – Viagem de Vasco da Gama – é o ponto de partida e de chegada na construção do Império. É uma ação de coragem, heroísmo e grandeza, típica da epopeia. A viagem empreendida é a do caminho marítimo para a Índia, mas representa muito mais do que uma viagem geográfica. É a viagem do confronto com os limites, do desvendamento dos segredos escondidos, a viagem do conhecimento.	Na <i>Mensagem</i> , a ação converte-se em sonho, em contemplação, na procura de “ <i>uma Índia que não há</i> ”, da “ <i>Distância / do mar ou outra, mas que seja nossa</i> ”.
Obstáculos enfrentados	O Velho do Restelo anuncia os perigos e as mortes que os portugueses enfrentarão e que o Adamastor simbolizará. Como em qualquer epopeia, o herói tem de vencer o medo e pagar com a dor a perseguição do seu objetivo.	Nos poemas “ <i>O Mostrengo</i> ” e “ <i>Mar Português</i> ” (2.ª parte) estão representados os obstáculos às realizações do passado – os perigos, “ <i>as lágrimas de Portugal</i> ”. Mas na utopia proposta no presente , o grande obstáculo é a ausência do sonho, que tem de ser vencida, para que do “ <i>Nevoeiro</i> ” presente surja o “ <i>dia claro</i> ”, o futuro.
IMPÉRIO (construção)	N’ <i>Os Lusíadas</i> , o Império Português é historicamente referenciável, pois foi edificado a partir dos Descobrimentos, é terreno, territorial, material.	Na <i>Mensagem</i> , o poeta propõe a construção de um império futuro – o Quinto Império – que é espiritual e cuja edificação cabe a Portugal, o rosto da Europa.
D. SEBASTIÃO	D. Sebastião é o rei real a quem o poeta se dirige. • Na Dedicatória, o poeta dedica o poema ao rei D. Sebastião, afirmando desde logo a esperança de que ele prossiga a obra dos antepassados. • No final do Canto X, é a D. Sebastião que o poeta apela, para prosseguir os feitos dos heróis do passado.	D. Sebastião é o mito, o Desejado, o Encoberto. O Sebastianismo é uma das linhas de sentido mais importantes da <i>Mensagem</i> , que apresenta um carácter profético, visionário, messiânico, sendo D. Sebastião o mais importante mito e símbolo desta obra .
VOZ DO POETA	<u>Do desencanto do presente ao apelo ao futuro</u> No final dos cantos, o poeta faz ouvir a sua voz de crítica aos seus contemporâneos que estão mergulhados na ambição e na cobiça e são responsáveis pela “ <i>apagada e vil tristeza</i> ” em que está Portugal. Por isso, no final do Canto X, desalentado, apela ao rei e dele espera o ressurgimento da luta e da glória.	<u>Do desencanto do presente ao apelo ao futuro</u> O poeta, investido da sua missão visionária, exprime, ao longo da obra, uma reflexão pessoal, interiorizada, lírica, sobre a pátria que, no presente, está mergulhada na noite, a pátria que é “ <i>nevoeiro</i> ” e cuja identidade perdida só pode ser recuperada através do sonho utópico do Quinto Império e do exemplo da loucura do Encoberto.